

Presos na grande teia: novas perspectivas sobre a história global do trabalho

Stuck in the wide web: new perspectives in global labour history

Fernando Pureza*

Resenha do livro: LINDEN, Marcel van der. **The world wide web of work:** a history in the making. London: UCL Press, 2023.

Palavras-chave: História global do trabalho; história social; classe trabalhadora.

Keywords: Global labour history; social history; working class.

A OBRA DE Marcel van der Linden, com o sugestivo título *The World Wide Web of Work*, brinca com duas possibilidades de leitura. A primeira, com a ideia de *world wide web*, identifica a internet, uma ferramenta essencial para o intercâmbio entre historiadores, seus arquivos, as novas (e velhas) historiografias e sua própria escala global. Contudo, a segunda possibilidade talvez seja mais precisa para compreender a obra: trata-se de uma grande *teia* (ou *web*) cuja amplitude (*wide*) lhe confere um alcance mundial (*world*). Esse breve exercício semântico em torno do título tem como fundamento discutir as duas dimensões pelas quais a obra apresenta a questão do trabalho: por um lado, o trabalho da teia que é uma metáfora do tipo de procedimento metodológico da história global do trabalho, que constrói diferentes interconexões entre temas, teorias e sujeitos; por outro, o trabalho como categoria central, na qual os próprios trabalhadores tecem suas teias.

Marcel van der Linden é reconhecido internacionalmente pela sua atuação no *International Institute of Social History* em Amsterdã. Seus debates acerca da história global do trabalho foram pioneiros no campo, em especial a partir da obra *Trabalhadores*

* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: fcpureza@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6363-0753>.

do mundo: ensaios para uma história global do trabalho (2013). Contudo, diferente da obra citada, aqui Linden muda o estilo e desenvolve 17 ensaios cujas conexões nem sempre estão evidentes entre elas, mas que vistas em conjunto iluminam diversas questões. Nesse sentido, a obra mais recente, *World Wide Web of Work*, adquire outra possibilidade de leitura: o próprio livro é confeccionado como uma teia, onde não há uma linearidade progressiva acerca dos temas, mas sim uma obra em que as partes se relacionam nas mais diferentes formas. Isso permite ao leitor fazer uma leitura pontual, iniciando em qualquer capítulo – embora, para fins organizacionais, a “Introdução” se mostre essencial como forma de compreender o percurso intelectual de Linden acerca da história global do trabalho.

O autor separara o livro em quatro partes distintas: a parte I (que compreende os capítulos 1 ao 3) procura lidar com o que Linden chama de “Silêncios significativos”, com ênfase na releitura de categorias centrais da história social do trabalho. A parte II, por sua vez (que compreende os capítulos 4 ao 8), trata da tentativa de refinar conceitos centrais como “Capitalismo” e “Trabalhadores”, colocando-os sob um viés crítico. Na parte III (capítulos 9 ao 13), o foco se volta para as diferentes conexões que compõem o campo da história global do trabalho. A parte IV (capítulos 14 ao 17), por fim, trata de temáticas referentes à resistência e complacência dos trabalhadores em fenômenos de escala global. De fato, em todas as partes a ênfase no “global” é constante, em nenhum momento ela some do horizonte e, em certo sentido, é onde se concentra a estrutura da teia.

É possível afirmar, contudo, que não há um equilíbrio nas partes. À medida que cada parte abrange uma problemática, os capítulos apresentam algumas irregularidades que instigam pesquisas mais profundas. A parte I, intitulada “Desafios” (*Challenges*), apresenta capítulos bastante heterogêneos entre eles. Enquanto o capítulo 1, “Os mistérios das cascas de árvores”, apresenta os limites transnacionais dos conceitos de trabalho ao redor de uma mercadoria específica – a canela em rama –, o capítulo 2 entrecruza diferentes histórias entre historiadores caribenhos, feministas marxistas e até mesmo a criação de um santo dos trabalhadores precarizados na Itália do século XXI (*San Precario*). Por fim, o capítulo 3 apresenta um ajuste com as obras do antropólogo Jan Breman e seu caráter profundamente etnográfico nas investigações acerca do mercado do trabalho em Gujarat, na Índia. Há uma vibrante disparidade nos capítulos que, em certo sentido, torna o trabalho de Linden ainda mais atraente – ele perpassa diferentes fios para formar sínteses criativas e poderosas.

Essa mesma energia não se sente de forma semelhante na parte II, intitulada “Conceitos” (*Concepts*). O capítulo 4, nomeado “Capitalismo” (*Capitalism*), procura sintetizar alguns debates mais centrais a partir de Marx e Weber sobre o conceito. A discussão tem riqueza e procura recuperar até mesmo premissas smithianas. Mas a ausência de algumas discussões evidencia certas preferências teóricas que não são explicitadas no texto. Sensação semelhante se tem com o capítulo 7, também da parte II, intitulado “Estratégias domésticas” (*Household strategies*), onde Linden procura construir uma tipologia de tais

estratégias. Ao final do capítulo, diante de inúmeras práticas listadas, a inquietante pergunta que paira é exatamente o que não é uma “estratégia doméstica”, tendo em vista que praticamente todas as formas de ação coletiva podem ser enquadradas nessa categoria.

Nesse sentido, os capítulos 5 e 6 da parte II demonstram uma outra leitura, essa sim, mais profícua e intrigante, acerca das categorias de “trabalho”. No capítulo 5, chamado “Trabalhadores” (*Workers*), Linden retoma uma série de considerações postas em *Trabalhadores do mundo...*, em especial no que diz respeito a uma noção estendida de classe trabalhadora. Inspirado pela historiografia brasileira (tanto por Silvia Lara como por João José Reis), o autor destaca a dificuldade sistêmica de encontrar fronteiras nítidas que demarquem o “trabalho livre assalariado” ao redor do mundo – não apenas no que seria o Sul Global, mas mesmo na Europa. Nesse sentido, sua posição se concentra não apenas em ampliar a noção de classe, mas de conferir a ela uma heterogeneidade que em concepções mais tradicionais não está presente. O capítulo 6, por sua vez, chamado “Trabalho forçado” (*Forced labour*), abre ainda mais interrogações a partir do próprio debate jurídico acerca da chamada “escravidão contemporânea” no Brasil. Linden aponta que o contexto legislativo brasileiro expande a possibilidade de historiadores entenderem as muitas possibilidades de trabalho forçado ao longo da história. Talvez esse seja um dos temas mais complexos do livro, tendo em vista que o autor elabora diagramas para poder dar a devida profundidade à questão – divididos a partir de dois apanágios: a compulsão física e as escolhas coercitivas. Nesse sentido, o historiador holandês oferece um amplo leque de modalidades de trabalho coercitivo a serem analisados e que, em certa medida, fragilizam as teses sobre a existência de um “trabalho livre assalariado” (inclusive do ponto de vista feminista, que considera que a dominação patriarcal deixa evidente que não há liberdade no trabalho doméstico não remunerado).

O capítulo 8, voltado para os “Mercados de trabalho”, evidencia uma tentativa de dilatação empírica do conceito de “mercado de trabalho”, retomando Ellen Wood, no seu clássico *From opportunity to imperative* (1994). À medida que tais mercados se tornaram cada vez mais abstratos, eles também ficaram cada vez mais transnacionais, o que abre a possibilidade de compreender tais comportamentos de compra e venda de mão de obra em escalas mais amplas – e inseridos nas transformações globais do capitalismo.

A parte III, chamada de “Conexões” (*Connections*), vê uma outra ordem de esforços analíticos. O capítulo 9, voltado para “Agricultura mercantil global, ecologia e trabalho” propõe discutir como o século XVI passa a marcar uma rápida transformação na agricultura, permitindo o intercâmbio entre diferentes produtos numa cadeia mercantil nunca antes vista em termos de escala. Tais mudanças transformaram não só os hábitos de consumo, mas a própria dinâmica do trabalho rural – precisando transformar o potencial produtivo de sementes vindas das mais diferentes partes do mundo para atender à demanda colonial. No capítulo 10, Linden se concentra no “Trabalho prisional”, traçando paralelos com a

própria escravidão. Um dos paralelos mais intrigantes se dá justamente na construção de uma espécie de fio analítico para pensar os métodos coercitivos de uso do trabalho como punição jurídica, os modelos gerenciais da *plantation* escravista e as primeiras fábricas. Em todas, o trabalho emerge como punição e elemento não livre, abrindo não apenas para olhar as formas do trabalho prisional na contemporaneidade, mas até mesmo para apontar para outras histórias do capitalismo cuja origem não estaria necessariamente no “centro”, mas sim na periferia.

Os capítulos 11 e 12 apontam em outras direções. No primeiro, chamado “A abolição do tráfico escravagista: consequências intencionais e não intencionais” (*The abolition of slave trade and slavery: intended and unintended consequences*), o vigor da análise gira em torno dos diferentes processos de abolição ocorridos ao longo do século XIX. Menos amplo em termos de recorte cronológico, o artigo tende a centralizar muito de seu escopo na experiência abolicionista britânica. Ainda que Linden enumere diversos exemplos distintos de processos sociais pelos quais a abolição gerou consequências outras que mantiveram a presença de formas coercitivas de trabalho. O abolicionismo, a partir da Inglaterra, permite questionar se não seria mais interessante, para o próprio projeto defendido pelo autor, olhar para as trocas entre abolicionistas em diferentes contextos do Atlântico. O capítulo 12, por sua vez, enfrenta questão semelhante, mas com um objeto completamente distinto: no caso, a Organização Internacional do Trabalho (OIT). Aqui há uma intrigante tentativa de construir uma periodização voltada para a história da OIT, separando-a entre seus anos de fundação (1919-1945), seus anos de consolidação (1945-1970) e seus anos de crise (1970-2019). A proposta é sem dúvida intrigante e um convite para os historiadores sociais do trabalho mergulharem em acervos que são até hoje pouco explorados no Brasil. Contudo, a dúvida que fica é até que ponto os arquivos da OIT podem ser reveladores acerca da história social do trabalho no chamado Terceiro Mundo?

O capítulo 13, por sua vez, talvez seja um dos mais polêmicos do livro. Linden procura traçar apontamentos para analisar de que forma os trabalhadores se beneficiam da exploração de outros trabalhadores. A ênfase se dá precisamente nas questões acerca do imperialismo ter sido um fator crucial para as benesses dos trabalhadores europeus ao longo dos séculos XIX e XX, numa leitura que retoma muitos dos debates de Eric Hobsbawm em *Mundos do Trabalho* e em *Da Revolução Industrial inglesa ao Imperialismo*. Aqui o esforço analítico ganha contornos bastante definidos para tentar responder uma pergunta: afinal, como mensurar os ganhos da classe trabalhadora dos países ocidentais diante da exploração dos trabalhadores do chamado Sul Global? Nesses termos, ao elencar uma série de vantagens indiretas aplicadas sobre os trabalhadores do Norte Global, Marcel van der Linden chega a considerar que talvez tal questão, ao ser devidamente analisada, coloque em xeque as pretensões internacionalistas de diferentes setores do movimento operário.

A parte IV do livro, chamada de “Conflitos” (*Conflicts*), oferece uma grande diversidade entre os artigos. O capítulo 14 propõe, por meio de metáforas da biologia e da literatura, uma reflexão acerca da ação dos trabalhadores perante o capitalismo: e se a resistência for amparada em ações conservadoras, visando proteger aquilo que o próprio capital ambiciona destruir. Inspirado por Walter Benjamin e a metáfora do freio de emergência na história, Linden explica a intrigante teoria do paleontólogo Alfred Romer para explicar por que os peixes criaram pernas ao longo do processo evolutivo. A metáfora serve para pensar como a classe trabalhadora acaba desenvolvendo instrumentos, partidos e até mesmo teorias revolucionárias não para vislumbrar um futuro melhor, mas para “dar um salto de tigre ao passado” e tentar frear a destruição do seu modo de vida, numa leitura criativa sobre um tema bastante espinhoso.

O capítulo 15 intitulado “Fugas em massa: quem, por que e como?” (*Mass exits: who, why, how?*) é marcado pelo esforço tipológico em definir os processos de fuga em massa. Essa era uma questão premente em escritos de historiadores como Ranajit Guha ao analisar o deslocamento massivo de camponeses indianos durante o período colonial para fugir das opressivas leis britânicas pós-1834. Aqui, contudo, o historiador holandês propõe ampliar o tema da fuga e da deserção para diferentes contextos históricos e com diferentes categorias sociais. O resultado é um ensaio intrigante e que permite abrir conexões com o Quilombo dos Palmares, as fugas em massa de Gujarat, as guildas de jornaleiros holandesas do século XV ou os desertores do exército prussiano do século XVIII. A amplitude dos exemplos pode soar vertiginosa, mas a construção rigorosa da abordagem permite visualizar que a fuga precisa ser lida como um processo ativo de resistência das classes trabalhadoras ao longo da história.

Já os capítulos 16 e 17 perdem um pouco o ritmo, tratando de certas confluências que, em termos teóricos, parecem carecer de mais evidência empírica para sustentar o argumento do autor. No capítulo 16, Linden visa discutir o paradoxo da teoria marxiana, que concebia que, com o desenvolvimento das forças produtivas, a classe trabalhadora se tornaria consequentemente mais radicalizada na luta pela equidade. O paradoxo consistiria no fato de que a leitura de Marx, em 1844, estaria restrita ao modelo europeu e que, como se viu, não acabou levando a uma radicalização desse proletário rumo à ideia de revolução – algo que só aconteceria, em escala global, num breve período entre o final da Primeira Guerra Mundial e a consolidação da Guerra Civil Russa. É um tema riquíssimo de análise, mas em alguns momentos há a impressão de que a resposta para o paradoxo estaria justamente na noção de classe trabalhadora ampliada que Linden sugere no capítulo 5. O capítulo 17, por sua vez, se propõe a debater as possibilidades de enxergar a sincronia do maio de 1968 em escala global. Trata-se de uma leitura intrigante que foge efetivamente de qualquer francocentrismo, mas que, ao fim e ao cabo, apresenta poucas correlações possíveis entre os muitos movimentos de contestação social de jovens e trabalhadores a partir do Terceiro Mundo.

Contudo, talvez seja importante destacar que, pelo próprio formato da obra, é até injusto apontar questões que “poderiam ter sido feitas”. Uma das formas mais profícuas de ler *World Wide Web of Work* é, nesse sentido, muito semelhante à de *Trabalhadores do mundo...*: mais do que uma definição estrita de conceitos, métodos e agendas de pesquisa, trata-se de um passeio panorâmico por várias questões. E em todas, sem exceção, há um convite para que o leitor se some aos esforços deste “fazer-se” da história global do trabalho.

Há ainda um epílogo bastante relevante que propõe um balanço acerca da crise da representação política dos trabalhadores no século XXI. Trata-se de uma análise que convoca a tradição internacionalista operária como forma de superação da referida crise, mas que também evidencia a preocupação metodológica da obra: apostar na saída internacionalista para superação da crise é também uma aposta para que os historiadores superem o nacionalismo metodológico ao pesquisarem a história social do trabalho (LINDEN, 2013, p. 11).

Cabe ressaltar que, para os leitores brasileiros, chama atenção como a história do Brasil aparece ao longo de diversos ensaios. Seja na experiência de Palmares, ou no crescimento do Partido dos Trabalhadores (PT) nos anos 1980, Linden insere diversos elementos da história dos trabalhadores brasileiros sempre procurando articular semelhanças e diferenças com outros processos ao redor do globo. Não se trata simplesmente de valorizar uma ou outra experiência nacional, mas sim de retomar a importância de ler certos processos a partir de uma escala específica, efetivamente “global” (na qual o Brasil não seria um espaço periférico, mas um *locus* importante de análise sobre a classe trabalhadora).

Seguindo a sugestão de Marcel van der Linden, historiadores podem se inspirar em outras disciplinas. De fato, do ponto de vista da zoologia, uma aranha é capaz de tecer teias simétricas, mas para fins da sua própria sobrevivência, mais do que a sua ordem geométrica, a teia é medida em sua eficiência. Se ela efetivamente consegue capturar a sua presa, então a sua forma é bem-sucedida. Talvez essa seja uma boa metáfora, de um campo distinto, para pensar o seu livro mais recente. Dificilmente pode se considerar que é uma teia simétrica, mas ela certamente consegue prender a atenção dos leitores. E, se há um parâmetro possível de eficácia para a teia aqui tecida, é que ela estimula outros historiadores do trabalho a seguirem tecendo fios ao redor do mundo.

Recebido: 16/08/2024

Aprovado: 02/09/2024